



## Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



## Dos Direitos Humanos às Questões Civilizacionais V

Ao terminar este ano de 2019, e a nossa reflexão sobre os Direitos Humanos e as Questões Civilizacionais, vamos imaginar os 4.6 mil milhões de anos da Terra numa escala de 24 horas.

Neste cenário, as primeiras formas de vida só surgiram, no planeta, às 17 horas. E os dinossauros foram dizimados da face da Terra às 23:40 horas, ou seja, há 20 minutos. Os primeiros primatas pisaram terra somente há 2 minutos, e o homo sapiens domina a Terra há uns escassíssimos 2 segundos!

Parece impossível, mas é uma verdade que devemos ter sempre presente – a humanidade é uma ínfima parte da criação, e a nossa existência é extremamente escassa e condicionada pelo ecossistema que nos rodeia.

Estamos na época do Natal, que significa nascimento e vida, quando o Divino se fez carne e osso, numa celebração da dignidade da vida humana. Não há melhor altura para lembrar e festejar a nobreza do que há de melhor na nossa espécie.

Mas não temos o direito de nos enaltecer ao ponto de desprezarmos as outras formas de vida que nos rodeiam, de tratarmos mal e abusarmos do Planeta que é a nossa Casa e, sobretudo, de ousarmos pensar que somos superiores e temos o direito de pôr e dispor a nosso bel prazer. Tragicamente, esta tem sido a nossa atitude, e os resultados nefastos estão por todo o lado. Que neste Natal, e no Ano Novo que aí vem, tenhamos real respeito pela vida que compõe o ecossistema do nosso Planeta Azul – a grande questão civilizacional dos nossos 2 minutos de vida. ♦

# Movimentos sociais em 2019 Novos e urgentes caminhos

Na perspetiva da construção de um novo mundo, destacamos algumas das ações de movimentos sociais decorridas em 2019

CLARISSE CANHA  
UMAR.AÇORES

Em jeito de retrospectiva 2019, propomos a quem nos lê, lembrar eventos especiais, no âmbito de movimentos sociais, como o feminista e o ambientalista.

Logo no início do ano, o país enfrentou uma onda de femicídios. A reação a este fez-se sentir, traduzindo-se em ações de protesto, e certamente maior consciencia social.

8 de Março, greve internacional feminista, marca a força do movimento feminista no mundo. Neste Dia Internacional da Mulher, foi também a vez, nos Açores, da Manifestação e Marcha, em Ponta Delgada. Duas dezenas de pessoas se



juntaram, constituindo este, um evento marcante que envolveu várias gerações, sobretudo jovens.

A juventude tem também marcado presença no movimento ambientalista, mundo fora, incluindo nos Açores, Nes-

te movimento, destaca-se, a Semana Global pelo Clima, em Setembro, para além da Greve Climática Estudantil, decorrida em Março e em Maio.

Finalmente nos últimos meses do ano destaca-se a forte denúncia da violação. Lançado pelo



movimento feminista do Chile, numa denúncia concreta, da violação e da cultura da violação, a ação: “A culpa não era minha, nem de onde estava, nem de como vestia.” – “O violador és tú!” , tornou-se Mapa e Ação no Mundo. Também aqui. ♦

## Dezembro 2019

# Janela sobre o passado...

Nos finais dos anos 60 e inícios da década seguinte, os movimentos de libertação da mulher estavam já muito generalizados nos EUA, em particular, em cidades como Nova York ou estados como a Califórnia. Algumas estações de televisão começaram a transmitir programas dedicados a temáticas feministas. Na Universidade de Berkeley, a população estudantil feminina ia-se tornando cada vez mais significativa, organizando-se seminários dedicados aos estudos de género, com o objetivo de despertar consciências, levar a mulher a pensar sobre si mesma e a tornar-se mais livre. Não foi coincidência, o surgimento do Women's Refugee de Berkeley que, como o nome indica, era um grupo de acolhimento e ajuda de mulheres em situação difícil ou com necessidade de auxílio psicológico e logístico. Outro grupo importante foi o Women's Liberation Front, também de Berkeley, que desenvolveu uma importante ação na defesa dos direitos laborais femininos: trabalho pago durante a ausência por mater-



SUSANA  
SERPA SILVA

nidade; salário igual por trabalho igual; fim do sistema educativo que conduzia as mulheres a trabalhos de baixa remuneração. Gradualmente, nos EUA, as Frentes de Libertação Feminina foram-se multiplicando, com reivindicações que iam desde a igual repartição das tarefas do lar entre todos os membros da família até à abolição da obrigatoriedade da esposa usar o sobrenome do marido. Contudo, a luta estendia-se numa ampla frente que abrangia o fim do sexismo, do racismo e do imperialismo, pela construção de uma nova sociedade, onde a afirmação do mérito pessoal prevalecesse, sem importar o sexo.

Em 1970, em França, a revista Elle organizou os “Estados Gerais da Mulher” e o Movimento de Libertação Feminina (MLF) ganhou uma enorme força e projeção. Quer na Grã-Bretanha como na Itália, as mulheres manifestavam-se e lutavam por uma instrução de qualidade, por uma carreira profissional, pelo direito à sua independência e valorização enquanto pessoa. Mesmo que os Movimen-



Manifestação pela libertação feminina, nos anos 70

FONTE:  
HTTP://NODEITO.COM/MOVIMENTOS-FEMINISTAS-60-E-70/

tos de Libertação da Mulher não tenham logrado alcançar todos os objetivos a que se propunham, a dimensão que atingiram não pode ser ignorada. As mulheres começaram a estar preparadas para serem livres e independentes e os homens foram obrigados a olhá-las, não como seres iguais, mas como cidadãs de pleno direito e valor. Um longo caminho tem sido percorrido desde os anos 70 até aos nossos dias, mas há muito por fazer... Ainda persistem resistências à mudança e gritantes formas de desigualdade entre géneros. A sociedade do mérito pessoal ainda não está consolidada e o feminismo construtivo está longe de ser vitorioso. No limiar de um novo ano e de uma nova década, urge que a reflexão sobre a condição feminina continue na ordem do dia e que a igualdade triunfe sobre a “guerra dos sexos”. ♦